

Reportagem: Avenida de Ceuta em Lisboa onde o consumo de droga é feito à vista de todos

written by Abílio Ribeiro | 17 de Novembro, 2023



Percorre-se a Avenida e, olhando para o alto, avista-se o outrora afamado bairro do Casal Ventoso, em Lisboa. Quem aqui mora ou tem estabelecimento montado, recusa dar a cara. *“Estamos cansados de má reputação”*, dizem-nos. A afirmação soa a revolta e, quem a profere, sabe do que fala. **“António”** é proprietário de um snack-bar situado nas imediações da Av. de Ceuta. Ao segundo café que pedimos ao balcão, solta o desabafo: *“não há dia em que eles não venham chatear os clientes para lhes pedir dinheiro”*.



“Eles” são os **frequentadores habituais** da Avenida de Ceuta. Os que, a céu aberto e a qualquer hora do dia, alimentam um vício que não são capazes de ultrapassar. É o caso de **M.**, um jovem de **30 anos** que, juntamente com a namorada, faz maratonas diárias às zonas de maior afluxo de pessoas para tentar “arrecadar uns trocos”.

O LX Factory é um desses locais de peregrinação para os consumidores, já que, *“havendo mais gente, há mais possibilidade de darem moedas”*. A conversa termina para **M.**; decorridos poucos minutos, ao perceber que não dispomos de *“trocos”*, faz-se ao caminho, num compasso acelerado e nervoso. É a ressaca que o move.



O mato que cresce na lateral da Avenida de Ceuta encobre parte das vidas devastadas que por ali deambulam. Sem grande esforço, é possível observar os consumidores e os seus gestos rotineiros. A sós ou em pequenos grupos, queimam prata, inalam e injetam-se. Um velho cobertor vermelho com as pontas atadas ao arvoredado serve de abrigo improvisado a quem necessita de "viajar" sem o incómodo da chuva, quando a há. Estamos a poucos metros do local de resguardo. A distância é suficientemente curta para repararmos nas mãos sujas e ressequidas de quem aparenta estar num mundo paralelo, sem mais nada nem ninguém à sua volta.

A imagem repete-se ao longo de toda a Avenida de Ceuta. A extensão, como comprovámos "in loco", é considerável. Amontoados de roupas, embalagens de comida e até cadeiras irrompem pela vegetação rasa, cujo acesso se faz por trilhos delineados pelas pisadas. São os rastros de quem circula num vai-e-vem constante, desde o momento em que a droga é comprada até ao instante em que ela é consumida.



Há cerca de 4 meses, quando questionado por um órgão de comunicação social, o presidente da **Junta de Freguesia de Alcântara** revelou-se preocupado com a realidade que se vive na Avenida de Ceuta. *“Nunca vi uma situação como vejo agora”*, contou **Davide Amado**, que *“há cerca de um ano”* tem alertado *“várias entidades públicas e não públicas que tratam desta matéria”*. Na mesma altura, o presidente da **Comunidade Vida e Paz**, **Horácio Félix**, avisou que estão em surgir em Lisboa *“pequenos Casais Ventosos. O consumo de drogas está a crescer de forma assustadora.”*

LX Factory

Descemos até ao LX Factory. Durante anos, este espaço acolheu a Companhia Industrial de Portugal e Colónias, dedicada à transformação de produtos alimentares. Estamos na zona de Alcântara. Lojas, restaurantes, estúdios de trabalho e até um hotel alternativo integram as ofertas do LX Factory, cujo conceito assenta num *“centro criativo”* virado para a comunidade.

Muitos turistas passam por aqui. E alguns deles são abordados

pelos consumidores de droga. Bastaram cerca de 20 minutos de observação para confirmarmos isso mesmo. Uma mulher com idade a rondar os 30 anos apresenta-se de mochila às costas, enveredando calças de ganga e camisola de colorações esbatidas pelo tempo. Estende as mãos gretadas e lança o apelo: “*a little help, please, money for food*”. As negas, mesmo que persistentes, não a demovem da sua intenção de angariar dinheiro. Rodopia o corpo em direção a outros transeuntes e repete a abordagem. As escaras inscristas no seu rosto são a cicatriz mais visível de um passado e de um presente marcados pelas drogas.



Invertemos a marcha. Voltamos a calcorrear o piso de terra batida junto à Avenida de Ceuta. Avistam-se outros consumidores, que caminham a passo apressado em direção à vegetação. O ritual repete-se. Um homem de meia-idade vasculha os bolsos freneticamente, retira a sua dose e prepara-a. **Indiferente aos olhares** de quem passa, fala consigo próprio, proferindo alguns impropérios. O tom da sua voz acusa algum nervosismo. É a pressa da “*viagem*”, que acabará por lhe devolver a paz utópica de que tanto procura.

Uma idosa aguarda o autocarro numa paragem nas proximidades. Abraça uma mala preta de tiracolo **com todo o vigor**, olha para os lados e demonstra apreensão. Dizemos quem somos e ao que vimos. Não quer ser abordada. Limita-se a responder: *“tenho algum medo, sim”*. Adianta que apanha ali o autocarro com regularidade, já que a filha *“mora perto”*. Não teve problemas *“até à data”*, ainda que relate que as pessoas com quem se vai cruzando naquele local *“não parecem ser de confiança”*.

A gravidade do problema que se vive na Avenida de Ceuta é reconhecida. Prova disso é a intenção da Câmara Municipal de Lisboa, ao estar já a preparar a **ampliação da sala de consumo assistido** de estupefacientes instalada na Quinta do Loureiro, junto à Avenida.

Apenas falta encontrar a localização exata para construir esta segunda **“sala de chuto”**. Em paralelo, estão a ser avaliados os procedimentos para financiar uma nova unidade móvel de tratamento (existem, atualmente, outras **duas unidades** a funcionar em vários pontos da cidade). O assunto foi discutido há poucas semanas, em plena Assembleia Municipal, com o autarca Carlos Moedas a admitir a necessidade de respostas céleres.

O consumo de drogas na periferia de Lisboa – e, em concreto, na área adjacente à Avenida de Ceuta – é uma questão crítica e complexa. É ponto assente que a respetiva resolução envolve um esforço conjunto **de toda a sociedade**. As entidades oficiais, no entanto, desempenham um papel crucial, na justa medida em que podem oferecer respostas mais amplas e capazes de colmatar lacunas como a desigualdade social, a falta de oportunidades e a dependência.

A vulnerabilidade está à vista de todos, tal como o CIDADÃO testemunhou. O consumo de drogas não pode servir de escape aos desígnios de uma realidade que, raras vezes, está em consonância com o mundo perfeito que todos idealizamos.

Informação adicional:

Se atualmente confronta-se com a adição de drogas ou tem familiares que se debatem com este problema, **O CIDADÃO** recomenda que contacte a Linha VIDA SOS Droga:

Contacto telefónico: 1414 (gratuito, anónimo e confidencial)

Email: 1414@sicad.min-saude.pt